

É POSSÍVEL A FORMAÇÃO DE UM “ESPAÇO SEGURO” NA UNIVERSIDADE?

DIÔNVERA COELHO DA SILVA¹ ; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – dionvera-coelho@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As múltiplas formas de opressão experienciadas por estudantes negras/o podem gerar adoecimento. Bastos et al. (2014) conduziram um trabalho com estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e observaram que aqueles que sofreram experiências discriminatórias de forma interseccionada por classe, raça e idade apresentaram maior chance de relatar transtornos mentais comuns.

Em decorrência disso, muitos estudantes sentem a necessidade de sair do espaço acadêmico. A desistência do curso pode estar relacionada a falta de políticas institucionais que visem o acolhimento e a permanência destes estudantes. Diante da ausência de políticas específicas da instituição, muitos estudantes se reúnem a fim de criar suas próprias estratégias que irão permitir a continuidade dos estudos e a superação das amarras impostas por um ambiente que ainda perpetua em suas práticas o racismo institucional e estrutural.

Para Silvio Almeida (2019, p.40) “no caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder.”; e a defesa de seus interesses políticos e econômicos através do aparato institucional. Já o racismo estrutural seria o reflexo da estrutura social da nossa sociedade, onde “as instituições decorrem da materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos.” (ALMEIDA, 2019, p.47)

É importante destacar que a presença de estudantes negras/os na universidade pode significar para elas/eles a valorização de toda uma luta histórica que foi construída coletivamente para que essas pessoas pudessem acessar à educação superior, muitas vezes feita pela primeira vez no contexto de um grupo familiar ou comunidade. Geralmente, as estratégias que efetivam a construção de um lugar mais acolhedor onde as pessoas possam permanecer sem adoecer, se estabelecem a partir da criação de grupos de indivíduos que compartilham histórias de vida e condição social semelhantes entre si.

Neste estudo identificamos uma tentativa de formação de espaço seguro através do agrupamento de mulheres negras dentro da universidade. O termo *espaço seguro* foi articulado com outros conceitos por Patrícia Hill Collins (2019), e pode ser definido como aquele lugar onde mulheres negras se “autodefinem” criando alternativas que enfraqueçam cada vez mais às “imagens de controle” atribuídas a elas. Podemos citar como exemplo de espaço seguro, “famílias extensas, as igrejas e as organizações comunitárias afro-americanas são locais importantes, nos quais há possibilidades de expressar um discurso seguro.” (COLLINS, 2019, p. 185).

Este estudo está em andamento e é um recorte do trabalho de doutorado em educação realizado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Ele visa discutir se a ideia de espaço seguro pode ser construída no contexto universitário.

2. METODOLOGIA

Partilhamos da perspectiva de Kilomba (2019) e nos questionamos: “como eu, uma mulher *negra*, posso produzir conhecimento em uma arena que constrói, de modo sistemático, os discursos de intelectuais *negras/os* como menos válidos.” (p.58). Neste sentido, nos apoiamos nas epistemologias e metodologias descolonias e propomos um rompimento com a “voz de autoridade”, também discutida por bell hooks (2019). Adotamos a perspectiva de pesquisa entre iguais (ESSED, 1991; MAMA, 1995); e a pesquisa centrada em sujeitos (MECHERIL, 1997, 2000), que reconhecem as diferentes realidades manifestas pelos *sujeitos* considerados protagonistas e não “objetos de estudo”.

Nesse sentido, já foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com sete estudantes negras que estavam nos anos finais do curso de graduação de psicologia em uma universidade pública no ano de 2019. Elegemos uma entrevista para discussão dos dados deste trabalho, visto a riqueza de conteúdos existentes no corpus. As entrevistadas foram informadas sobre os propósitos da pesquisa e ao aceitarem participar, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Após a transcrição das entrevistas, os dados foram organizados em categorias analíticas decorrentes da análise de conteúdo do tipo temática. Neste trabalho, observamos a relação entre duas categorias: a primeira refere-se a permanência na universidade e a segunda refere-se a rede de apoio e afetividade estabelecida entre as estudantes negras para promover estratégias de reexistência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias analíticas discutidas adiante referem-se a permanência estudantil e a rede de apoio e afetividade tecidas no espaço acadêmico pelas estudantes negras. No primeiro trecho analisado, percebemos que a definição dada pela estudante ao grupo em que ela faz parte já a insere numa perspectiva de marginalização e desumanização. Deste modo, se uma pessoa é excluída do todo, significa que alguém tem o poder de definir quem pode fazer parte do todo e quem não pode. Sendo assim, quais são os elementos que levaram à exclusão de determinadas pessoas da turma?

Eu não sou, assim com os professores é aquela coisa, eu faço o que tem que fazer pra não me indispor com ninguém. E com os colegas, tipo do primeiro ano pra cá. Eu fui me afastando ao máximo assim. As pessoas que eu, que eu conversa assim do primeiro ano já não é as mesmas pessoas que estão comigo agora. A gente brinca que a gente tem agora o grupo que é o do fundão que são os excluídos. Aí tem a gorda, a velha e a desajustada. É sério. (risos). E aí, porque a gente é os mais excluídos assim sabe. Porque tipo, ah se tu não é a rolezeira, se tu não é a de Pelotas. Tu não é tão aceita assim, sabe [...].

O grupo dos excluídos citado pela pesquisanda é aquele em que as mulheres negras da turma fazem parte, também se insere nele uma mulher não negra gorda que também foi excluída. Ao mesmo tempo em que essas pessoas foram excluídas elas também foram se aproximando, a fim de se fortalecerem e resistirem a ideia de “*Outra/o*” - que para Grada Kilomba (2019, p. 38) “é a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer”. Ser de Pelotas/RS e “Rolezeira”, dentro do contexto observado, marcam a classe de tais pessoas, as quais definem algum grau de privilégio econômico e racial. A



entrevistada pertence a uma família pobre do meio rural de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e compreende que as diferenças regionais e econômicas entre seus colegas foram fundamentais para promover as cisões que ocorreram na turma.

[...] Sei lá, não sofri explicitamente assim, ah um preconceito, um racismo, mas tipo algumas coisas veladas assim sabe? De acabar, eu atualmente estar no grupo dos excluídos. Que foram pouquinhos coisas que foram levando, levando assim. Simplesmente nem é o falar é o não falar. As pessoas simplesmente te ignoram.

A mesma pesquisanda começa a nos dar mais pistas em relação aos mecanismos utilizados para que ela e suas colegas negras não se sentissem pertencentes a turma. Ela revela que sentiu o racismo velado e nos questionou no momento - *algumas coisas veladas assim sabe?* Grada Kilomba (2019), explica que existe uma hierarquia que define quem “está fora do lugar” e quem “está no lugar”. Para a autora “no racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer.” (KILOMBA, 2019, p.56).

Deste modo, são aqueles corpos rejeitados, invisibilizados, afinal eles não precisam ser enxergados, eles não tem nada de bom a mostrar aos seus “superiores”, eles não precisam ser escutados, será que eles têm algo a dizer? Essa é uma forma sutil de mostrar que como corpos inferiores, eles não precisam de atenção, porque como a entrevistada disse - *já não é o falar é o não falar*. Sobre isso, Frantz Fanon (2008, p. 33) compreende que “falar é existir absolutamente para o outro”. Assim quando a estudante é ignorada em sua fala, em seu ser, ela deixa de existir. Perguntamo-nos: como recuperar sua existência?

[...] a gente procura tá junto, enquanto comunidade quilombola, a gente, tem essa coisa da ancestralidade, de estar sempre junto, os mais velhos, os mais novos, todos juntos e aí, nós enquanto alunos quilombolas a gente tem isso assim, a gente está sempre marcando uma coisa mais familiar pra se sentir em casa, e aqui no curso, tipo as vezes, tipo a gente consegue, esse grupinho assim a gente consegue ver ah tu falou isso, e eu percebi na tua fala que tu não está bem, e aí a gente se chama pra conversar pra tomar um café, pra sei lá, sair um pouco desse mundo assim. E aí acaba sendo um apoio assim que faz bem assim.

Percebemos que o *não falar* é superado quando a pesquisanda se encontra com outras mulheres negras que como ela também são quilombolas, além de suas colegas negras que são da cidade. Neste sentido, torna-se importante pensar sobre o quanto o espaço acadêmico seria mais difícil para elas, se elas estivessem sozinhas nele, como aquelas que vieram antes de nós experienciaram. Buscar um espaço familiar dentro da universidade pode ser uma tentativa de criar um espaço seguro, onde ela escolhe temporariamente sair um pouco *desse mundo* - mesmo estando “dentro dele” para torna-se sujeita - para ser vista, reconhecida e amada por suas irmãs.

O fato da estudante ser ignorada pela maioria dos seus colegas brancos, não significa que ela não seja sujeita e não se reconheça como tal, pelo contrário. Ela entende a raiz da exclusão que a fez estar e optar pelo grupo dos excluídos, ela dá nome ao racismo que segunda ela, ocorre de forma velada e vai em busca daquelas que a reconhecem como sujeita para criar estratégias de reexistência que opunham à ideia de que ela deve “estar fora do lugar” universitário. Por meio da autodefinição de si e do seu grupo, ela rejeita a objetificação imposta a elas



dentro da sala de aula e faz da sua (não) existência, da sua (não) fala um meio de seguir em nome da sua ancestralidade.

Em outro tempo, enquanto cursava a pós-graduação bell hooks desistiu do seu curso, mas retornou a instituição, formou-se e tornou-se uma referência para muitas de nós que compartilhamos com ela experiências parecidas, sobre a (não) permanência na universidade, ela disse: “Quero que elas saibam que não estão sozinhas, que os problemas que surgem e os obstáculos criados pelo racismo e pelo machismo são reais – realmente machucam -, mas não são insuperáveis. Talvez estas palavras tragam consolo, aumentem a coragem delas e renovem seu espírito.” (hooks, 2019, p. 137).

4. CONCLUSÕES

A universidade é um lugar marcado por opressões interseccionais que moldam as relações sociais formadas na instituição. A criação de espaços seguros se configura como uma estratégia potente, pois desafia os padrões de funcionamento da universidade que naturalizam práticas e discursos racistas, sexistas e Lgbbtópicos. Portanto, os espaços seguros são locais que visam formar uma identidade negra positiva das e pelas estudantes negras e/ou quilombolas, reforçando um posicionamento crítico acerca das imagens de controle reproduzidas na estrutura social da sociedade e refletidas nas instituições como as universidades públicas e privadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BASTOS, J.L.; BARROS, A.J.; CELESTE, R.K.; PARADIES, Y.; FAERSTEIN, E. Age, class and race discrimination: their interactions and associations with mental health among Brazilian university students. **Cad Saúde Pública**. 2014; 30(1): 175-86.
- COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- ESSED, Philomena. **Understanding everyday racism: An interdisciplinary theory**. Sage, 1991.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008.
- hooks, b. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.
- MAMA, Amina. **Beyond the masks: Race, gender and subjectivity**. Routledge, 2002.
- MICHERIL, P. Halb-halb.iza, **Zeitschrift für Migration und Sozial Arbeit**, thema 3-4, 1997.
- MICHERIL, P. “Ist doch egal, was man macht, man ist aber trotzdem ‘n Ausländer” - Formen von Rassismuserfahrungen, in W.D. Butow (Hg.) Familie im... globaler Migration, 2000.